

ACM exagera e dá murro em senador

JORNAL DE BRASÍLIA

06 MAR 1996

MEMÉLIA MOREIRA

Pela última vez, o senador baiano Antônio Carlos Magalhães (PFL), 68 anos, volta a agredir um colega. Ontem à tarde, o ataque foi contra o senador Ney Suassuna (PMDB-PB), 54 anos, que recebeu um soco, de raspão, de ACM, inconformado porque a sessão para ouvir o presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, fora transferida do plenário do Senado para a sala dois das comissões. O soco de Antônio Carlos Magalhães não atingiu de forma mais dura o rosto de Suassuna porque o deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA) se meteu entre os dois. O golpe, entretanto, foi suficiente para derrubar o óculos do senador paraibano.

Antônio Carlos Magalhães, em

13 meses de mandato, já agrediu verbalmente os senadores Ademir Andrade (PSB-PA), Marina Silva (PT-AC), Roberto Freire (PPS-PE), Pedro Simon (PMDB-RS), Humberto Lucena (PMDB-PB) e, agora, o senador Ney Suassuna, que está perplexo com a reação de ACM. Ele também expulsou o brigadeiro Ivan Frota da comissão que discutia o Sivam. O comportamento do senador baiano começa a preocupar os colegas do Senado e os deputados que participam das comissões mistas. Apesar disso, nenhuma providência foi tomada pelo corregedor da Casa, senador Romeu Tuma (PSL-SP).

Na agressão de segunda-feira, quando ACM ameaçou “quebrar a cara” de Pedro Simon, quando se

discutia o projeto Sivam, o presidente do Senado, José Sarney, tentou acalmar os ânimos desviando o assunto, mas ficou preocupado. Sarney, entretanto, não acredita que Antônio Carlos ultrapasse este nível de agressão. Amigo de ACM há mais de 30 anos, Sarney vai pedir “prudência” a Antônio Carlos embora não acredite que seu amigo chegue a cometer nenhum atentado contra um colega, como ocorreu em 1963, no plenário do Senado, quando o senador Arnon de Mello, da extinta Arena, puxou uma arma para acertar seu desafeto, Silvestre Péricles e terminou matando o primeiro senador eleito pelo Acre, José Kairala. Ontem, no Senado, os comentários lembravam a morte de Kairala.

Estopim — A sessão para ouvir Gustavo Loyola foi tensa. Os parlamentares baianos demonstravam nervosismo. Na presidência, se revezavam o deputado Gonzaga Mota (PMDB-CE) e Ney Suassuna. Às 14h30, o plenário devia ser esvaziado e a sessão transferida para uma sala das comissões, porque a sessão ordinária do Senado começaria. Às 14h18, Suassuna assumiu a presidência informando sobre a transferência. Por coincidência, quem fazia pergunta na hora era o deputado baiano José Carlos Aleluia, aliado de ACM. Suassuna disse que a resposta do presidente do Banco Central seria dada já na sala de comissões. Foi o suficiente. Dedo em risete, ACM disse que “o acordo era pior do que a emenda” e quando Suassuna retrucou afirmando não ser “homem de acordos”, ACM fechou a mão para acertar Suassuna e disse: “Não é homem de acordos, mas é ladrão”. Suassuna reagiu dizendo: “Ladrão é o senhor”, enquanto ACM acertava o senador paraibano, derrubando-lhe os óculos.

Toda a bancada paraibana do PMDB foi ao gabinete de Suassuna manifestar solidariedade e o senador Ronaldo Cunha Lima disse: “Estamos aqui para o quer der e vier”. Há dois anos, Cunha Lima acertou um tiro no então governador paraibano Tarcísio Burty.